



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM  
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

ISABELA ESTHER VASCONCELOS

**EMPODERAMENTO E VIOLÊNCIA FEMININA REPRESENTADO NO  
IMAGÉTICO DE CAPAS DE REVISTAS**

ABAETETUBA – PA  
2019

ISABELA ESTHER VASCONCELOS

**EMPODERAMENTO E VIOLÊNCIA FEMININA REPRESENTADO NO  
IMAGÉTICO DE CAPAS DE REVISTAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção do grau de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa, pela Universidade Federal do Pará.

Orientador: Prof. Me. José Eduardo Pastana Silva

ISABELA ESTHER VASCONCELOS

**EMPODERAMENTO E VIOLÊNCIA FEMININA REPRESENTADO NO  
IMAGÉTICO DE CAPAS DE REVISTAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção do grau de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa, pela Faculdade de Ciências da Linguagem da Universidade Federal do Pará.

Orientador: Prof. Me. José Eduardo Pastana Silva

Data de aprovação: \_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Conceito: \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Me. José Eduardo Pastana Silva  
Orientador – UFPA

---

Prof. Dra. Rosângela do Socorro Nogueira de Sousa  
Examinadora Interna – UFPA

Ao autor da minha vida, de toda a sabedoria e  
razão das minhas mais belas poesias, meu  
querido Jardineiro: Deus.

## AGRADECIMENTOS

À Deus, que foi base e peça essencial de todas as vitórias que me trouxeram até aqui. Que me fez forte e corajosa nos momentos difíceis e que usou pessoas que se tornaram anjos pra me ajudarem nessa jornada rumo ao conhecimento.

À Família Vasconcelos, que através da união, sonharam com minhas aprovações desde o vestibular, até aqui. Especialmente, à minha mãe, Benelice Vasconcelos, que sempre acreditou que sou capaz de alcançar voos mais altos. Foi uma intercessora presente durante esses 4 anos de curso.

Ao meu queridíssimo e amado orientador, José Eduardo Pastana que foi um grande amigo, em momentos difíceis e me incentivou na produção deste artigo. Com muita paciência e descontração me mostrou uma ciência cativante: Semiótica.

À UFPA e seu corpo docente, direção e administração, que abriram as portas para que eu pudesse frequentar o curso, sempre buscando o melhor. Em especial, ao secretário Wagner Pereira e a toda Coordenação Acadêmica do Campus.

Às minhas queridas amigas, Jacyara Moura e Verônica Ferreira que compartilharam comigo dos momentos bons e ruins, mostrando-me que sempre vale a pena acreditar em si e por todo auxílio ofertado a mim, compartilhando suas experiências acadêmicas.

## RESUMO

Este artigo tem como objetivo principal analisar as capas das revistas SuperInteressante, edição 349, publicada em Julho de 2015 e ELLE Brasil, veiculada em dezembro de 2015. A escolha deste tema se dá pela importância da discussão acerca do empoderamento feminino. Para realização da pesquisa, foram selecionadas as capas das supracitadas revistas, assim como um levantamento bibliográfico, considerando o signo no processo de compreensão da leitura imagética. Para isso, aborda-se-ou estudos desenvolvidos pelos teóricos como PIERCE (2010), BAKHTIN (2009) e PÊCHEUX (1999). No artigo trata-se do aspecto simbólico que faz parte da terceiridade da teoria peirciana em que é discutida questões relevantes por trás das imagens.

**PALAVRAS-CHAVE:** Capas de revista. Signo. Discurso. Semiótica.

## **ABSTRACT**

This article has as main objective to analyze the covers of the magazines SuperInteressante, edition 349, published in July 2015 and ELLE Brasil, published in December 2015. The choice of this theme comes from the importance of the discussion about women's empowerment. For the accomplishment of the research, the covers of the mentioned magazines were selected, as well as a bibliographical survey, considering the sign in the process of understanding the image reading. For this, we approach-or studies developed by the theorists as PIERCE (2010), BAKHTIN (2009) and PÊCHEUX (1999). The article deals with the symbolic aspect that is part of the thirdness of the Peircian theory in which the relevant issues behind the images are discussed.

**KEYWORDS:** Magazine covers. Sign. Speech. Semiotics.

## LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 1 – “Como silenciamos o estupro”, nas lentes de Paulo Eduardo Dulla .....	14
Figura 2 – “Estupro: O mais acobertado dos crimes” .....	17
Figura 3 – “Minha roupa não é um convite .....	19

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>RECURSOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>9</b>
<b>3</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>10</b>
<b>3.1</b>	<b>Afinal, o que é uma capa de revista? .....</b>	<b>10</b>
<b>3.2</b>	<b>O signo para Pierce .....</b>	<b>11</b>
<b>3.3</b>	<b>As condições de produção da capa de revista .....</b>	<b>13</b>
<b>3.4</b>	<b>Discurso da capa de revista .....</b>	<b>15</b>
<b>3.5</b>	<b>Análise visual da capa de revista .....</b>	<b>17</b>
3.5.1	Capa da revista SuperInteressante .....	17
3.5.2	Capa da revista ELLE Brasil .....	19
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>21</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>22</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo mostrar a construção signica de capas de revista sob a perspectiva semiótica peirciana. Por conta da amplitude de estudos que abarcam a linguagem, não se pretende aqui abordar na sua totalidade os estudos sobre a semiótica. A fundamentação teórica deste artigo pauta-se nos estudos difundidos pelos teóricos, Peirce, Bakhtin e Pêcheux.

Constitui-se objeto desta pesquisa As capas das revistas SuperInteressante (edição 349) e Elle Brasil (edição especial “Moda e feminismo”), veiculadas na mídia virtual.

A imagem da revista Superinteressante foi realizada pelo Fotógrafo Paulo Eduardo Dulla, para representar a matéria intitulada “Estupro: O mais acobertado dos crimes”, de Karin Hueck. Na segunda capa analisada, a revista Elle Brasil, faz parte de uma extensão deste assunto, o empoderamento feminino.

As capas de revistas tratam-se de um signo misto, pois possuem linguagem verbal e não-verbal. As capas têm como principal característica retratar assuntos sociais com maior incidência na mídia. Porém, qual contribuição a semiótica de Pierce traz para a análise dessas capas?

## 2 RECURSOS METODOLÓGICOS

Para a produção deste artigo, primeiramente analisou-se capas de revistas que retratassem sobre o tema empoderamento feminino, visto que tal assunto é um leque para diálogos de suma importância comum, pois dialogam sobre os direitos das mulheres e quebra de tabus sociais e incentivar, no campo de pensamento feminino, a peleja sobre os direitos de seu próprio corpo. Além disso, aprofundar tal estudo, na maneira como as revistas abordam a valorização da voz feminina através deste recurso midiático.

A metodologia empregada neste trabalho usou como referencial teórico os estudos de Pierce (2010), onde trabalha a ciência da semiótica, a qual considera um signo como "algo que está para alguém por algo sob algum aspecto ou capacidade." (1897, trad. it. p. 132). Também fez-se referências aos estudos de Bakhtin (2009), no qual retrata sobre os discursos que permeiam as capas de revistas através de seus enunciados. Enunciados estes que ele considera de suma importância na linguagem para que haja uma melhor comunicação entre indivíduos. Na obra “*Marxismo e filosofia da linguagem*” (Hucitec, São Paulo), emprega o termo “*viskdzivanje*, derivado do infinitivo *viskdzivat*, que significa ato de enunciar, de exprimir, transmitir pensamentos, sentimentos, etc. em palavras”. Além disso, na obra “*Os Gêneros do discurso*”. Bakhtin mostra tal importância destes, realçando que:

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados\* (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional. (BAKHTIN, 2009, p. 261)

Na produção deste trabalho, não se considerou a distinção entre os gêneros textual e discursivo. As capas de revistas aqui analisadas foram consideradas como um gênero discursivo.

O *corpus* de estudo dedicou sua atenção em duas capas de revistas. Ambas da Editora Abril, pertencentes ao ano de 2015. Ano este, que abordou em vários recursos midiáticos sobre o tema “empoderamento feminino”. A primeira capa analisada foi da revista SuperInteressante, que aborda diversos assuntos de cunho cultural e científico, escrita para público em geral. A capa da edição do mês de Julho foi aqui analisada, onde se considerou a linguagem não-verbal, encontrada como plano de fundo e dois dos enunciados presentes na capa da revista; as demais chamadas não foram analisadas nesta produção por não terem ligação com o elemento visual.

A outra capa analisada, trata-se da revista ELLE Br, edição especial lançada no mês de Dezembro. Esta revista, diferente da anterior, é voltada para o público feminino, é uma extensão da maior revista de moda, do mundo, a ELLE. Porém sua versão brasileira, já não circula atualmente. A edição especial de 2015 obteve três capas diferentes, abordando vertentes de um mesmo assunto: empoderamento feminino. A capa escolhida para análise tem como título “Minha roupa não é um convite”. Na análise levou-se também em consideração seu imagético e apenas um de seus enunciados.

Depois de um maior aprofundamento nos conceitos de signo na visão pierciana e para uma maior valorização da voz feminina, produziu-se este artigo onde será relatado como podemos encontrar signos através do imagético de capas de revistas e como discussões sociais são representadas através das mesmas.

### **3 REFERENCIAL TEÓRICO**

#### **3.1 AFINAL, O QUE É UMA CAPA DE REVISTA?**

Antigamente, as revistas podiam ser encontradas apenas em bancas ou livrarias. Hoje, as revistas também se encontram nas páginas virtuais de sites, onde podem ser lidas online ou off-line, basta ter um aparelho compatível. O principal objetivo das capas de revistas é apontar, de maneira sucinta, as principais matérias da revista. Além de divulgar a editora,

edição, ano e valor. Seus enunciados possuem uma espécie de apelo a determinado assunto, o qual faz parte da matéria principal da revista. Tal assunto geralmente está sendo discutido no âmbito social para que facilite o consumo da revista e desencadeie a discussão sobre.

Devido o uso de duas estruturas de texto (verbal e não verbal) no cotidiano, consideram-se as capas de revistas um gênero textual descritivo, que possuem um texto-imagem, com o intuito de instigar o imaginário do leitor para um determinado assunto. Isto ocorre, devido serem constituídas por multimodalidades, revelando ideologias e possibilitando interação entre os leitores para uma possível prática discursiva.

Logo, as capas de revistas podem ser analisadas também como textos multimodais que de acordo com Dionísio (2005), são “textos especialmente construídos que revelam as nossas relações com a sociedade e com o que a sociedade representa” p.160. Isto mostra que as capas de revistas também podem ser analisadas como gênero do discurso.

Segundo Marcuschi (2005), o gênero possui um estilo e composição característica e de acordo com Meurer (2002), no que concerne a gênero discursivo, a capa de revista é um tipo específico de texto não literário, escrito e que possui uma composição retórica recorrente, com uma função específica, que no caso das capas aqui analisadas, trata-se da valorização da voz feminina.

No que concerne a Bakhtin (1992), o uso da língua efetua-se em forma de enunciados, que podem ser orais ou escritos. Utiliza-se de recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua e principalmente por sua construção composicional. Ao tratar-se do gênero do discurso, é “qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados” (p. 279).

Deste modo, quando se utiliza Análise do Discurso em um enunciado, considera-se o contexto em que está inserido. Em qual meio social, está sendo discutido. Não existe uma forma de desassociar o enunciado de seu contexto histórico, devido o ser humano interagir socialmente, em determinado tempo e ocasião, sendo através essa interação manifestada de várias formas (palavras, sons, imagens, comunicação, etc.). Essa característica é o que marca o discurso, pois ele só pode ser denominado discurso se possuir interação com diversas áreas.

### **3.2 O SIGNO PARA PIERCE**

Ao iniciarmos as análises das capas aqui estudadas, nos deparamos com o conceito de signo. O cientista e filósofo norte-americano, Charles Sanders Peirce (1839–1914) desenvolveu a teoria semiótica, cuja ciência investiga todas as linguagens possíveis, ou seja,

analisa como cada língua se desenvolve, sua estrutura, seu contexto, cada particularidade possui significação e sentido. Além disso, sua preocupação estava voltada ao processo de interpretação da realidade através dos signos, ou seja, o que ocorre no processo de interpretação da realidade feita pelo processo do pensamento por meio dos signos.

Para estudos empíricos, Pierce acrescentou tal teoria dos signos, que Santaella (2008) salienta, descrevendo que ela “é capaz de explicar e interpretar todo domínio da cognição humana” (p.27). Explica ainda que para o filósofo, o signo possui uma relação triádica, composta por significante (representante), significado (Interpretante) e referente (objeto). Vejamos O que o próprio Pierce diz sobre signo:

Um signo, ou *representâmen*, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria, na mente dessa pessoa, um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido. Ao signo assim criado denomino interpretante do primeiro signo. O signo representa alguma coisa, seu *objeto*. Representa esse objeto não em todos os aspectos, mas como referência a um tipo de ideia que eu, por vezes, denominei *fundamento* do representâmen (PIERCE, 1839, p. 46).

Além disso, vejamos o que salienta sobre a relação triádica, acima citada:

Um Signo, ou *Representâmen*, é um Primeiro que se coloca numa relação triádica genuína tal com um Segundo, denominado seu *Objeto*, que é capaz de determinar um Terceiro, denominado seu *Interpretante*, que assuma a mesma relação triádica com seu Objeto na qual ele próprio está em relação com o mesmo Objeto. A relação triádica é *genuína*, isto é, seus três membros estão por ela ligados de um modo tal que não consiste em nenhum complexo de relações didáticas (PIERCE, 1839, p. 63).

Tal relação triádica, nas capas de revistas, está presente da seguinte maneira: um indivíduo ao se deparar com a forma física da capa de revista (Objeto dinâmico = objeto da realidade) cria em seu cognitivo um signo sobre, uma primeira impressão do que se trata tal objeto, esta primeira impressão é o que define de primeridade. Quando se obtém uma distinção deste objeto, ou seja, de qual revista tem em mãos, qual seu público alvo, uma visão geral sobre ela, no âmbito cognitivo não se trata mais de um objeto dinâmico e sim objeto imediato, Pierce chama de secundidade. Por fim, quando se chega a compreensão real do assunto principal da revista, o que está abordando, o pensamento exerce a terceridade, ou seja, o processo de signo para interpretante.

No que diz respeito a Bakhtin, o signo é dialógico e ideológico, pois para que haja a percepção de signo, necessita-se da comunhão entre estas entidades. Na obra “Marxismo e filosofia da linguagem”, relata que para o autor, tudo o que é ideológico possui um significado e remete a algo fora de si mesmo. “Tudo que é ideológico é um signo e sem signos não existe ideologia” (BAKHTIN, 1981, p. 32).

Ao que concerne às capas de revistas analisadas mais a diante, o contexto situacional, a intertextualidade, os textos verbais e não-verbais em destaque, auxiliam no entendimento dos enunciados utilizados na mesma, pois onde encontra-se o signo, encontra-se o ideológico, pois são mutuamente proporcionais. Além disso, o que é ideológico obtém um valor semiótico de representação, sendo o signo verbal (como a palavra) ou não-verbal (como a imagem)

### 3.3 AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DA CAPA DE REVISTA

Em 2014, o canal do YouTube “SuperBowl2015”, lançou a propaganda “Like a Girl”, criada por Leo Burnett Toronto para o comercial de absorvente feminino Always, da Procter & Gamble. O comercial apresenta pessoas executando ações como correr, bater, lutar, após o comando “como uma menina”. Seu principal objetivo é desconstruir percepções negativas e machistas do que significa fazer algo “como uma menina”.

A propaganda acima citada, foi um dos vídeos mais vistos no YouTube e vencedor do “Cannes Lions 2014 no Grande Prix”, categoria PR. Além disso, em 2015, foi eleito o melhor comercial de 2015 no no Creative Arts Emmy Awards, prêmio da Academia de Artes e Ciências Televisivas. Com isso, tornou o assunto “empoderamento feminino” o assunto mais debatido da mídia, neste ano.

Em uma de suas vertentes, as revistas SuperInteressante e Elle Br, ambas da editora Abril, lançaram as capas discutidas nesse trabalho como um alerta a cultura do estupro. Isto devido ao tabu referente a denúncia deste crime. Crime este, que Karin Hueck acredita ter origem na seguinte lei:

Art. 107 – Extingue-se a punibilidade: [...]  
 VII – pelo casamento do agente com a vítima, nos crimes contra os costumes, definidos nos Capítulos I, II e III do Título VI da Parte Especial deste Código;  
 VIII – pelo casamento da vítima com terceiro, nos crimes referidos no inciso anterior, se cometidos sem violência real ou grave ameaça e desde que a ofendida não requeira o prosseguimento do inquérito policial ou da ação penal no prazo de 60 (sessenta) dias a contar da celebração.

Tal lei não considerava o estupro como crime, pois o casamento da vítima com seu agressor tornavam-na imaculada novamente. Ela e por consequência, sua família. Logo, acreditava-se que seria a melhor solução no âmbito social, porém para a esposa, ela continuava a ser violentada, pelo marido. Marido, que era considerado como alicerce de sua casa, neste período.

Apenas em 2005, a lei foi revogada. Mas o tabu sobre a mulher possuir voz e ser o “alicerce” de si, ainda não foi vencido. Fazendo com que o índice de mulheres que foram

violentadas, denunciasses seu agressor, continuasse baixo, mesmo com o alto índice de casos de estupros no Brasil.

Nesta perspectiva, a capa da revista SuperInteressante (edição 349), com o seguinte matéria: “Estupro – o mais acobertado dos crimes”, como reportagem principal, escrita por Karin Hueck, foi lançada com o intuito de quebrar o silêncio de milhares de mulheres que ainda sentem-se pressionadas por questões familiares, sociais, baixas estimas, culpa, dentre inúmeros fatores que levam tais cidadãs ao silêncio após serem violentadas.

Como reforço, a escritora diz:

O estupro é um dos crimes mais subnotificados que existem e o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada estima que os dados oficiais representem apenas 10% dos casos ocorridos. Ou seja, o verdadeiro número de pessoas estupradas todos os anos no Brasil é mais de meio milhão. Nos EUA, onde existem dados longitudinais, de acordo com o Center for Disease Control and Prevention, uma em cinco mulheres vai ser estuprada ao longo da vida. Os casos registrados são baixos porque existe um comportamento persistente que cerca o estupro: o silêncio.

A imagem da revista Superinteressante foi realizada pelo Fotógrafo Paulo Eduardo Dulla, para representar a matéria intitulada “Estupro: O mais acobertado dos crimes”, de Karin Hueck, como mostra na figura 1.

**Figura 1** – “Como silenciamos o estupro”, nas lentes de Paulo Eduardo Dulla



**Fonte:** Capa da revista SuperInteressante Edª 349 – Julho de 2015

A segunda capa analisada é uma das capas da revista Elle Brasil, lançada em dezembro de 2015, na qual faz parte de uma extensão deste assunto, o empoderamento feminino. Sua contribuição para o assunto foi executada em uma edição especial “Moda e Feminismo”. Esta edição contém 4 capas, onde cada uma delas contém a imagem de uma modelo, seguida com frases (enunciados), que fazem parte do movimento feminista contemporâneo. São elas: “Meu corpo, minhas regras”, “Vestida ou pelada, quero ser respeitada”, “Meu decote não dá

direitos” e “Minha roupa não é um convite”. A capa intitulada “Minha roupa não é um convite”, é a qual será aqui explorada.

Elle trata de moda e de beleza, mas também é comprometida com as questões que envolvem a mulher em todos os sentidos. O feminismo é tema frequente nas páginas da Elle, aqui e no mundo. Esse ano já quebramos paradigmas colocando leitoras de verdade na capa e agora não podíamos deixar passar esse momento tão emblemático da tomada de consciência feminista no Brasil”, diz Susana Barbosa, diretora de redação da revista.

O “momento emblemático”, a qual Susana se refere, trata-se do levantamento à discussão sobre a valorização da mulher, em todos os sentidos, sendo emocional, profissional, ético, racial, moral, jurídico, dentro outros, foram temas constantes no ano de 2015, em todos os tipos de mídias.

### **3.4 DISCURSO DA CAPA DE REVISTA**

Segundo Luciana Loponte (2008, p. 154), no âmbito social existe a “pedagogia visual do feminino” que consiste na figura feminina como um objeto de contemplação e julgamento negativo como: “[...] as mulheres são virgens, mães, amantes, esposas, mas também são prostitutas, bruxas, mulheres fatais”. Tais julgamentos e estereótipos criam séries de premissas em relação a fragilidade e omissão da mulher. Uma das premissas está em relação à figura feminina estar inferiorizada à masculina, como ressalta Loponte:

Trata-se de premissas acerca da debilidade e passividade da mulher; de sua disponibilidade sexual; seu papel como esposa e mãe; sua íntima relação com a natureza; sua incapacidade para participar ativamente na vida política. Todas estas noções, compartilhadas, em maior ou menor grau pela maior parte da população até nossos dias constituem uma espécie de subtexto que subjaz quase todas as imagens envolvendo mulheres (NOCHLIN, 1989 apud LOPONTE, 2008, p. 154-155).

Devido isto, nas capas de revistas aqui trabalhadas, observa-se que o conjunto de seus enunciados e imagens nos remetem a uma memória discursiva, pois leva ao leitor inferências, hipóteses, premissas sociais, que Pêcheux conceitua como:

Tocamos aqui um dos pontos de encontro com a questão da memória como estruturação de materialidade discursiva complexa, estendida em uma dialética da repetição e da regularização: A memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ser lido, vem restabelecer os implícitos (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (PÊCHEUX, 1999, p. 52).

Os implícitos mencionados por Pêcheux (1999, p. 52) são definidos por Achard (1999, p. 13):

Do ponto de vista discursivo, o implícito trabalha então sobre a base de um imaginário que o representa como memorizado, enquanto cada discurso, ao

pressupô-lo, vai fazer apelo a sua (re)construção, sob a restrição —no vazio de que eles respeitem as formas que permitam sua inserção por paráfrase. Mas jamais podemos provar ou supor que esse implícito (re)construído tenha existido em algum lugar como discurso autônomo.

Estes implícitos estão presentes nas capas de revistas, pois remetem a quebra de tabus que na primeira capa estudada, relata sobre a mulher abusada não denunciar que foi violentada por temores morais e como vimos na segunda capa, que por vezes, se sentem culpadas devido não corresponderem as questões “morais”, como o uso da roupa curta, impostas por uma sociedade que por muitos anos defendeu a figura masculina como ser superior.

Neste âmbito, Pierre Bourdieu (1989) observa que pequenas coisas do mundo, estão recheadas de ideologia, simbologia, de um conjunto de marcações que estão fixadas em um tempo, espaço, comportamento, cultura, pois é uma construção da realidade e realidade é algo que se constrói.

Historicamente a classe masculina tornou-se classe dominante e como toda classe dominante, busca discriminar tudo aquilo que foge de seus padrões tanto na linguagem, quanto no social. Porém, nas últimas décadas a classe feminina vem ganhando voz e direitos. Para isso, expressões como “empoderamento feminino” estão ganhando espaço na lei, na mídia e na educação sobre o valor da mulher na sociedade.

Em 2015, o ano em que marcou o estopim da voz feminina nas mídias, foi apenas um relato de muitas lutas para que pessoas do mundo todo pudessem entender a igualdade entre homens e mulheres. Para que se entenda o termo “empoderamento feminino”, a escritora virtual e uma das representantes do movimento “Impact Woman”, no Brasil, Júlia Steuernagel Assis conceituou da seguinte maneira:

Primeiramente, empoderamento feminino é diferente de feminismo. Feminismo é resumidamente um movimento que prega a ideologia da equidade social, política e econômica entre os gêneros. Empoderamento feminino é a consciência coletiva, expressada por ações para fortalecer as mulheres e desenvolver a equidade de gênero. É uma consequência do movimento feminista e, mesmo estando interligados, são coisas diferentes. Empoderar-se é o ato de tomar poder sobre si. Dessa forma, também é possível fazer o empoderamento de outros grupos sociais, como o empoderamento negro e até empoderamento dos idosos, por exemplo. As pessoas oprimidas ou que recebem menos atenção na nossa sociedade, muitas vezes não têm consciência de seu próprio poder, e as mulheres estão incluídas neste grupo. É daí que surge o empoderamento. As mulheres precisam reconhecer que elas são capazes, para então poder começar a fazer mudanças.

A partir dessa distinção, percebe-se a importância da abordagem deste assunto para o meio social, principalmente no feminino. Pois trata-se de protagonistas na quebra dos tabus sociais aqui citados.

### 3.5 ANÁLISE VISUAL DA CAPA DE REVISTA

#### 3.5.1 Capa da revista Superinteressante

Figura 2 – “Estrupro: O mais acobertado dos crimes”



Fonte: “Estrupro: O mais acobertado dos crimes”. Capa da revista SuperInteressante (Ed. 349– Julho, 2015)

Apesar dos vários enunciados, existentes na capa, nos prenderemos ao enunciado principal da revista: “Estrupro, O mais acobertado dos crimes” a qual dirige-se a matéria protagonista, escrita por Kerin Hueck, na qual aborda o tema relacionado a voz feminina.

Nesta capa, pode-se observar que possui textos verbais e não verbais. O texto não verbal possui a imagem de uma moça e seis mãos masculinas (mesmo que não apareçam rostos, deduz serem masculinas devido as características físicas, mãos grandes, por exemplo). De acordo com os implícitos defendidos por Pêcheux (1999), tais mãos mostram violência, devido uma delas estar puxando o cabelo da moça, outra a blusa, essas atitudes nos remetem à violência contra a mulher. Outro implícito interessante de se observar é que uma das mãos está sobre o seio da jovem, a qual não demonstra em sua feição, um ar de prazer ou contentamento, pelo contrário, ativa nos leitores memórias de abuso sexual.

Em seguida, os textos verbais são seguidos de dois enunciados “Estrupro” e “O mais acobertado dos crimes” e uma pequena chamada que remete à matéria que diz “Uma em cada cinco mulheres será estuprada. No entanto, até as mais respeitadas instituições – escolas,

igrejas, universidades, famílias – varrem a violência sexual para baixo do tapete. Por quê? Até quando?” (P.32).

Além dos textos, a capa possui uma cor escura de fundo e um tom sombrio, com um pequeno foco de luz sobre a modelo, revelando partes das mãos que a agridem. Além disso, o segundo enunciado, apesar de estar em letras brancas, não se sobressai, pois está escrito de maneira espalhada, com algumas palavras por traz das mãos. Somente o primeiro enunciado está visível e em evidência.

Tais observações são signos que Pierce (1839) classifica-os como *Símbolos*, “cujo caráter representativo consiste exatamente em ser uma regra que determinará seu *interpretante*”, conceito este que faz parte de uma segunda tricotomia, no qual define como:

(...) um Signo pode ser denominado *Ícone*, *Índice* ou *Símbolo*. (...) Um Símbolo é um Signo que se refere ao Objeto que denota em virtude de uma lei, normalmente uma associação de ideias gerais que opera no sentido de fazer com que o Símbolo seja interpretado como se referindo àquele Objeto (PIERCE, 1839, p. 52).

Logo, estes conjuntos de Símbolos, evidenciam a intenção da autora em expandir a voz feminina. Em quebrar tabus sociais, que desvalorizam a figura feminina, no que diz respeito ao estupro ser um crime e também, no que diz respeito à valorização feminina no âmbito feminino, ou seja, a quebra de tabus entre as mulheres, mostrando que este crime deve ser denunciado, pela vítima.

### 3.5.2 Capa da revista ELLE Brasil

Figura 3 – “Minha roupa não é um convite”



**Fonte:** “Minha roupa não é um convite”. Capa da revista ELLE BR (Ed. Especial “Moda e Feminismo” – Dez, 2015)

Como uma vertente a este assunto acerca do empoderamento feminino, a capa da revista ELLE Br é uma edição especial que diferente da capa analisada anteriormente, possui apenas uma ideia central e todos os enunciados presentes nela, referem a um só assunto, uma só matéria.

Estão presentes nela, textos verbais e não verbais. O texto não verbal trata-se da imagem de uma moça moderna, marcada pelos cabelos curtos, ondulados, um vestido curto e brilhoso, dando a ideia de ser um vestido a ser usado à noite. Estas observações trazem implícitos sobre discursos feministas no qual defendem que o comprimento da roupa não define um caráter, tampouco é justificativa para assédio. Além disso, a expressão facial da jovem possui um olhar marcado com intensidade, acentuado com a firmeza de seus braços cruzados. Ambas as representações são Símbolos que repassam ao leitor que ela é conhecedora e cheia de si, ou seja, empoderada.

Sob a imagem, os textos verbais vem através de dois enunciados “Minha roupa não é um convite”, que intensifica implícitos já ditos no imagético representado pela roupa da modelo, e “Manifesto feminista por Juliana de Faria, do Think Olga/ Clara Averbuck, do

Lugar de Mulher/ Djamila Ribeiro, Filósofa/ Coletivo blogueiras negras/ Sofia Soter, da Capitolina/ Helena Dias, da Azmina”.

Ademais, as cores, assim como na capa analisada anteriormente, também são cores escuras. A capa da revista ELLE Br, possui o fundo todo em tom de cinza escuro e o texto-imagem também está em tons de preto. Esse conjunto de cinza e preto realçou, como um signo, o fato da mulher ainda ser inferiorizada e uma voz de minoria porém, quando defronta-se com enunciado 1 que está em letras brancas e taxas vermelhas, levanta-se um discurso sobre dar voz a esta minoria. O enunciado 2 também está marcado devido a cor vermelha porém como menos intensidade que o 1 devido estar em uma fonte menor.

Tais particularidades expõem as intensões de manifestação das autoras, onde buscam quebrar tabus sociais. Como dito anteriormente, essa capa faz parte de um conjunto de quatro edições especiais da revista, onde visa abolir conceitos em que inferiorizam a mulher. No caso desta capa, pretende-se abolir o conceito em que o fato da mulher que usa roupa curta e que não está em casa determinadas horas do dia, está sendo a justificativa de uma provável agressão física.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Após este estudo, percebe-se que a fundamentação teórica de Pierce, Bakhtin e Pêcheux são base para que o leitor, ao deparar-se com as capas de revistas, fazendo que sejam capazes de obterem uma construção sígnica sobre o assunto abordado.

Além disso, capas aqui analisadas neste artigo são ferramentas importantes para que seus leitores possam refletir sobre o assunto e rever seu comportamento em relação às igualdades entre homem e mulher, no âmbito social e além de conscientizar o campo feminino sobre pôr em prática, não apenas seus deveres, mas também, seus direitos. Além disso, instruir a análise de capas de revistas, como um signo, através de suas imagens e enunciados, segundo Pierce, para que possam compreender sobre quais discursos permeiam a sociedade.

O mundo a qual se vive, tende a aprisionar, então é necessário despisse de tabus. Aprisiona através das roupas, beleza, pudores, entre outros. A violência não necessariamente está relacionada ao físico, mas também, relacionada à construção do que é a marra social diante da sociedade, de uma pessoa, dos compromissos diários, entre outros. Os estudos sobre implícitos, aqui apresentados nos estudos de Pêcheux, nos mostram a veracidade de tal afirmação.

## REFERÊNCIAS

- SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica?**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. Trad. José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- BAKHTIN, Mikhael Mikhailovitch. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. **Poder Simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, S.A., 1989
- SANTAELLA, Lúcia. **Semiótica Aplicada**. São Paulo: Cengage Learning, 2008.
- MEURER, José Luiz; MOTTA-ROTH, Désirée. **Gêneros textuais e práticas discursivas**. São Paulo: EDUSC, 2002.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: BEZERRA, Maria Auxiliadora; DIONÍSIO, Ângela; MACHADO, Anna Rachel (orgs). **Gêneros textuais e ensino**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- SILVEIRA, Lauro Frederico Barbosa da. **Curso de Semiótica Geral**. Rio de Janeiro: Quartier Latin, 2007.
- NETTO, J. Teixeira Coelho. **Semiótica, informação e comunicação**. São Paulo: Perspectiva, 2018.
- SILVA, José Eduardo Pastana. **O autoritarismo representado na leitura da charge**. Belém, Pará: [s.n], 2011.
- FERREIRA, Janaina Carvalho. **Estudos em multimodalidade: A multimodalidade em capas de revista de autoajuda**. Santa Maria, Rio Grande do Sul: [s.n], 2006.
- CASTRO, Laise Lutz Condé de. **O feminismo está na moda: As capas do manifesto feminista da revista Elle Brasil**, Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, 2017.
- Capas das revistas analisadas:**
- SUPERINTERESSANTE. São Paulo: Editora Abril, n. 349, Jul. 2015.
- ELLE BRASIL. São Paulo: Editora Abril, Edição Especial, Dez. 2015.